REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

O CONCEITO DE SOCIALIDADE E AS PRAÇAS: PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES COM A NATUREZA NO CONTEMPORÂNEO PARA PENSAR EM EDUCAÇÕES AMBIENTAIS OUTRAS

THE CONCEPT OF SOCIALITY AND SQUARES: PROBLEMATIZING RELATIONS WITH NATURE IN CONTEMPORARY TO THINK ABOUT OTHER ENVIRONMENTAL EDUCATIONS

Cíntia Gruppelli da Silva
Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande/RS, Brasil

Paula Corrêa Henning
Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande/RS, Brasil

Resumo: A praça, um pedaço de natureza domesticado na urbanidade de nosso cotidiano, é o cenário onde é tramada essa escrita. A partir do método cartográfico (DELEUZE; GUATTARI, 1995) e na companhia de Maffesoli (1998), Tsing (2019) e filósofos da Diferença. O objetivo principal foi problematizar o conceito de socialidade para pensar as relações com a natureza humana e não humana nas praças, a fim de provocar pensamentos rizomáticos no campo da Educação Ambiental. Quem sabe esse estudo possibilite encontrar nesses espaços das praças, socialidades outras que nos ajudem a compor modos inventivos de (*com*)viver e a experimentar potências de vida em tempos de crise ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Praças. Socialidade.

Abstract: The square, a piece of nature domesticated in the urbanity of our daily lives, is the setting where this writing is woven. Using the cartographic method (DELEUZE; GUATTARI, 1995) and in the company of Maffesoli (1998), Tsing (2019) and philosophers of Difference, the main objective was to problematize the concept of sociality to think about relationships with human and non-human nature in the squares, in order to provoke rhizomatic thoughts in the field of Environmental Education. Who knows, this study will make it possible to find other socialities in these square spaces that help us compose inventive ways of living *with* and experiencing the potential of life in times of environmental crisis.

Keywords: Environmental education. Squares. Sociality.

Introdução

Praça. Lugar de encontros e desencontros. Socialização e contradição. Espaço público de convivência em que uma sensação de contentamento tem



possibilidade de habitar e a paisagem urbana se transformar. Lugar em que podemos colecionar memórias e a infância pode acontecer com toda a vivacidade. Onde, ao redor, só se vê edifícios e tons cinzentos, muitas vezes é possível vislumbrar o verde e estar em contato com humanos e não humanos. Provavelmente, respirar um pouco de ar puro, sentir uma brisa mais fresca. Infelizmente, pode ser ainda, um espaço de prostituição, drogadição, violência ou delinquência que espalham medo ou indignação. A praça pode ser marcada pela socialidade e ser o lugar intencional do encontro, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária (DE ANGELIS, 2005). Talvez um arquipélago, com espaço para invenções de mundos, rotas e derivas; dissonâncias e silêncios à espreita de ecologias menores (GODOY, 2008). Um "lugar-encontro" construído e reconstruído pelas relações entre humanos e desses com a natureza.

Pedaços de natureza planejados para estarem situados em determinados pontos da cidade com a função de oferecer qualidade de vida aos habitantes que nela circulam são um convite em que nos entregamos ao estranhamento: aos cheiros, aos sons dos pássaros e aos ruídos dos carros, às contradições, à companhia de árvores, flores e animais e às pessoas que nela circulam. Como a utilizam? Que mais pode ser feito nesse espaço, aliando a filosofia e a educação ambiental, onde habita a natureza? Mais especificamente, que efeitos são produzidos em nossos corpos e pensamentos sobre a vida e a natureza, no encontro com a praça?

As experiências de que trata essa escrita com suas problematizações fazem parte de um recorte de uma tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG) e refere-se a (*com*)vivência nas praças, em exercitar a socialidade, de estar *com*. E os personagens dessas experiências são *praceantes* humanos e não humanos, ou seja, todos aqueles que habitam as praças de alguma maneira.



Pensando em socialidades *outras* possíveis de viver e (*com*)viver, dividimos o texto em quatro seções. Na primeira seção, fizemos uma introdução sobre as praças, sobre o conceito de socialidade e algumas pistas sobre as experiências nas praças. A segunda seção tem por objetivo apresentar de que maneira foi acontecendo a pesquisa cartográfica junto aos *praceantes* no período do doutorado. Na sequência, na terceira seção, articulamos o conceito de socialidade de Michel Maffesoli (1998) com as funções e o uso das praças, bem como, pensamos como podemos criar pontes com o conceito de socialidade mais que humana da Anna Tsing (2019), trazendo as narrativas dos(das) *praceantes* entrevistados(as), a fim de tensionar os modos de viver no contemporâneo e as supostas relações com a natureza humana e não humana presentes nas praças. E, por fim, fechamos o texto problematizando que educações ambientais *outras* são possíveis de acontecer a partir das socialidades praticadas nas praças.

Em seu livro *O Tempo das Tribos,* Maffesoli (1998) propõe que um novo espírito, neotribal, estaria pairando sobre a sociedade, com suas características próprias, transformando as relações interpessoais: de uma individualização apática (da modernidade) para um coletivo empático (na pós-modernidade), sendo que o fio condutor é a partilha de sentimentos comuns. Para ampliar ainda mais esse conceito, trazemos Anna Tsing (2019) que contribui com seu olhar às socialidades multiespécies não humanas, valorizando os movimentos de ecologias florestais que emergem do Antropoceno, tecendo conexões entre o meio ambiente e o bem viver entre todas as espécies que coabitam o mundo.

A aposta é em pensar, junto aos autores, às narrativas dos *praceantes* e ao conceito de socialidade, o quanto as praças podem ser espaços importantes para as relações e as vivências sociais – humanas e mais que humanas –, como, também, para imaginarmos possibilidades outras de praticar a educação ambiental e conviver nesse mundo hipertecnológico capitalizado.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Que pode o método cartográfico nas praças?

Eu queria fazer parte das árvores como os pássaros fazem.
Eu queria fazer parte do orvalho como as pedras fazem.
Eu só não queria significar.
Porque significar limita a imaginação.
E com pouca imaginação eu não poderia fazer parte de uma árvore.
Como os pássaros fazem.
Então a razão me falou:
o homem não pode fazer parte do orvalho como as pedras fazem.
Porque o homem não se transfigura senão pelas palavras.
E isso era mesmo.
(BARROS, 2015, p. 97)

Transfigurar-se pelas palavras... Metamorfosear-se com as palavras... *Eu só não queria significar. Porque significar limita a imaginação*. Concordamos com o poeta. Então, vamos fabular com as palavras! *É naquilo que é fabulado que explodem as percepções vividas, a opinião, o senso-comum, os clichês, liberando perceptos – "visões paradas no tempo e no espaço" que excedem o vivido e o vivível (GODOY, 2008, p. 84, grifo da autora)*. Nesse viés, inventamos uma palavra que dê conta das experiências com as praças: ***PRACEAR***.

Larrosa (2021), ao falar sobre experiência, argumenta que as palavras produzem sentido, criam realidades e podem funcionar como potentes mecanismos de subjetivação. Nós pensamos com as palavras e damos sentido ao que somos e ao que nos acontece. *[...] também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso (IDEM, p. 17).* Pensando nisso, como nos relacionamos com as praças – esses espaços que são tecidos na urbanidade de nosso cotidiano? Que aprendizagens e socialidades são possíveis de serem criadas, problematizando a filosofia e a Educação Ambiental, ao habitarmos esses pedaços de natureza em que convivem humanos e não humanos?

Nesse cenário, longe de leiloar (HOUAISS; VILLAR, 2001) algum objeto ou bem, *pracear* pode se transformar em muitas coisas: passear na praça; estar na praça; entregar-se à praça; brincar e rir na praça; olhar a praça; experimentar a



praça; espreitar a praça; viver a praça; resistir na praça; movimentar-se na praça; descansar na praça; caminhar na praça; pensar a praça; relacionar-se com a natureza na praça; pertencer à praça; plantar na praça; constituir e se deixar constituir pela praça; fazer arte na praça; limpar a praça; conviver na praça; filosofar na praça; explorar a educação ambiental na praça; e tudo o mais que a imaginação permitir...

Pracear também pode ser cartografar... Um modo de fazer pesquisa nas praças, que se encontra com o inusitado; um exercício que tenta acolher algumas das múltiplas paisagens subjetivas contemporâneas. Uma prática que exige do pesquisador-cartógrafo-*praceador* uma disposição singular ao entrar em campo, no acompanhamento dos processos de subjetivação.

Os encontros cartográficos se compuseram pela participação de trinta e dois *praceantes* (em três praças na cidade de Pelotas/RS), que aceitaram o convite em participar de uma entrevista. Distante de buscar respostas corretas e informações objetivas, a pesquisa cartográfica, a partir da entrevista como ferramenta, pretendeu abrir-se à experiência do dizer que decorre da inseparabilidade entre expressão e conteúdo.

> Na cartografia, a escuta acompanha a processualidade do relato, a experiência em cuja base não há um eu, mas, sobretudo, linhas intensivas, fragmentos de sensações, sempre em vias de constituir novas formações subjetivas. Nesse sentido, a entrevista se aproxima de uma conversa. [...] Ao fazer uso de entrevistas, interessa à cartografia promover o acesso ao plano coletivo de forças e sua indeterminação, a pluralidade de vozes na experiência compartilhada do dizer. (TEDESCO et al., 2013, p. 310; 317).

Entre estudantes, professores, artistas, donas de casa, arquitetos, trabalhadores em geral, a faixa etária foi entre dezoito e cinquenta anos. Foram várias idas às praças, por vezes *praceando* sozinhas e por vezes conversando com os *praceantes,* em um movimento tecido entre teoria e prática, que compõe as pesquisadoras e a pesquisa. Ao entrar em campo, a dinâmica se compôs pela coleta



dos dados dos *praceantes*: perguntava-se o nome, a idade, a profissão, e explicava-se sobre o que se tratava a pesquisa. Em seguida, em tom de brincadeira, pedia-se que falassem o nome de uma flor, planta, árvore ou animal (com o qual se identificassem), com o objetivo de transformar essa relação com os elementos não humanos em personagens (fabular, ao invés de citar o nome das pessoas nas respostas da entrevista, como forma de manter o anonimato).

O registro e a produção dos dados se deram pelo uso de ferramentas como a entrevista, anotações no diário de campo, relatos, registros fotográficos, informações objetivas ou impressões que emergiram dos encontros entre tantas outras estratégias que foram sendo manejadas enquanto acontecia a intervenção, de acordo com as necessidades que surgissem no território de pesquisa.

Dessa forma, ao abordar os(as) *praceantes*, convidava-se a pensarem sua relação com a natureza e com as praças, através de perguntas que nortearam a pesquisa: *Qual motivação te trouxe até essa praça? Essa praça (ou alguma outra) traz sentido para a tua vida? Entendes a praça como um espaço de socialidade? E que elementos da natureza fazem parte dessa socialidade, quando estás aqui? Quando pensas na natureza, que vem à mente? Que reverbera dentro de ti?*

Não havia uma maneira certa e planejada em *pracear*. Simplesmente chegávamos e lentamente nos entregávamos aos espaços e observávamos as intensidades, os convívios, e, aos poucos, direcionávamos a pesquisa até os(as) *praceantes*. Desse modo, um mapeamento, das relações com as naturezas humana e não humana, foi sendo produzido nos encontros e desencontros com as praças, como veremos a seguir.

Que socialidades são praticáveis ao *pracear* nas relações com a natureza?

> *Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. (DELEUZE, 1992, p. 218).*



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Muito já se falou sobre a necessidade de novos olhares para o outro, principalmente esse outro que compartilha do mesmo ambiente. Deleuze (1992) nos provoca a buscar esses espaços-tempos nos quais o controle possa escapar e suscitar outros acontecimentos. Precisamos acreditar que outras relações são possíveis. É preciso negar, transvalorar como vai nos dizer Nietzsche (2020), e nos perguntar que mundos são esses que nos "engambelam", tornando-nos fracos? Que outros mundos podemos expandir que nos tornam fortes e inventivos? Talvez seja, por vias do micro, do menor, que teremos a possibilidade de engendrar novos espaços-tempos.

Nesse contexto, com o intuito de focar no minoritário, na potência dos afetos, das sensibilidades, trazemos Michel Maffesoli (1998) para apontar, com seu conceito de socialidade, algumas pistas para pensarmos formas de resistir ao instituído em nossa sociedade e expandir nossas relações, focando nesses espaços que são as praças. Da mesma forma, Anna Tsing (2019), com seus estudos sobre socialidades mais que humanas, vai tratar das práticas não humanas as quais talvez possam impulsionar o "envolvimento humano em mundos multiespécies" (IDEM, p. 129).

Mesmo que exista todo um aparato feroz capitalista neoliberal como cenário de nossa época, para Maffesoli (1998) a pós-modernidade se caracteriza, também, por um sentimento coletivo forte e solidário, um neotribalismo, vivido no cotidiano dos pequenos agrupamentos, de modo fluido e disperso, fazendo a diferença no corpo social. Essa visão parte de uma perspectiva global, orgânica, holística, integrando a vivência, a paixão, a criação e o sentimento comum, em que as ações dentro dos grupos se darão pela ambientação do tempo e do lugar. É um desejo de estar junto, ligado pela empatia, pela necessidade de partilhar sentimentos comuns, sendo a única preocupação a materialidade do presente vivido coletivamente. Nesse sentido, o Plátano vai relatar sobre sua experiência com a Praça Manoeli Tornelas:

> *Praças são ilhas de natureza dentro da cidade. Esta, em especial, me trouxe um momento de descanso em meio ao cotidiano. Estar no convívio com colegas trocando experiências junto à natureza é muito especial e potente nos dias turbulentos que vivemos. A praça por si só, já me inspira a*



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

pensar em socialidade. Um espaço para todos, um convite à contemplação ou do convívio. A sombra das árvores são um forte convite (Plátano).

Experimentar o convívio e as sombras das árvores... Além do Plátano, também conversamos com um grupo de Reiki o qual está acostumado a se encontrar nessa praça para fazer piqueniques e juntar a "turma". Sentados na grama, em roda, indagaram que *a natureza, que aqui também se encontra presente, é tudo. Estar nessa praça é promover um encontro do corpo e da mente com a natureza que revitaliza as energias e o bem estar*. Pensando com o Plátano e com o grupo de Reike, a natureza presente nas praças oportuniza revigorar-se em tempos tão turbulentos. E, além do convívio com os humanos, com quais não humanos podemos expandir nossa socialidade? E de que socialidade estamos falando?

Maffesoli (1998) vai dizer que a socialidade se diferencia da sociabilidade, pois enquanto esta última está ligada a agrupamentos com uma função precisa de existir (numa lógica do dever ser, homogeneizante), ao mesmo tempo objetiva e racional; a socialidade encontra-se nas vias dos momentos efervescentes, ritualísticos, festivos (ligados, muitas vezes, ao hedonismo, ao presenteísmo, ao tribalismo etc.). Para ele, constitui o substrato de toda vida social – desde as sociedades primitivas até as tecnológicas. *O vaivém constante que se estabelece entre a massificação crescente e o desenvolvimento dos microgrupos que chamarei de "tribos" (MAFFESOLI, 1998, p. 8, grifo do autor).*

A vida cotidiana contemporânea é marcada por experiências coletivas, num ambiente imaginário, passional, erótico ou violento, por multiplicidades que fogem ao instituído, portanto, não podem ser controladas o tempo todo. *[...] para aquém e para além das formas instituídas, que sempre existem e que, às vezes, são dominantes, existe uma centralidade subterrânea informal que assegura a perdurância da vida em sociedade (IDEM, p. 5, grifo do autor).*

Essa perdurância da vida em sociedade perpassa, também, a experiência narrada pelo Cachorro a qual está conectada aos elementos naturais encontrados nas praças:



Gosto de vir à praça (Coronel Pedro Osório) para ver as pessoas e seus cães, além de ter um mínimo de contato com a natureza. A praça sempre teve um papel especial em minha vida, pois a frequento desde a infância, o que lhe confere sempre um ar de nostalgia. Creio que a praça, enquanto espaço de convivência, nos oferece também um espaço de contemplação e contato com a natureza, por oferecer um lugar repleto de árvores e plantas, elementos mais que necessários aos dias de hoje e também às gerações futuras (Cachorro).



Figura 1: Socialidade na Praça Coronel Pedro Osório – Pelotas/RS. Fonte: Autoras.

De acordo com os estudos de Maffesoli (1998), podemos inferir que assim como existe uma lei dinâmica da natureza, com seu movimento e ritmo secretos, a vida vai se espalhando no exterior e vivifica a criação, permanecendo, no interior, de maneira profunda e pulsante. *É no segredo, no próximo, no insignificante naquilo que escapa à finalidade macroscópica que se exerce o domínio da socialidade (IDEM, p. 66).* É uma pequena, mas profunda e turbulenta força que teima em existir nas margens. Podemos depreender que essa força existente nas margens, também é destacada nos estudos de Tsing (2019) quando ela nos convida a ocupar as ruínas que ainda devemos viver em função do Antropoceno.

> Ocupar é dedicar-se ao trabalho de viver juntos, mesmo onde as probabilidades estejam contra nós. É recusar – e também se recuperar. Se quisermos viver, devemos aprender a ocupar os espaços mais degradados da vida na Terra. Nossa raiva é necessária. [...] Ocupe o familiar. Recuse e recupere a vida cotidiana. Aprenda mais idiomas e pratique outras formas de dançar. Lançar nossa fúria contra o senso comum; alcançar o que eles dizem que não podemos ter: o comum (IDEM, p. 87, 88).



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Arriscamos a dizer que esses movimentos são da (des)ordem, do micro, do molecular, dos deslocamentos, da astúcia, do selvagem, do silêncio, da resistência. É um conjunto complexo de multiplicidades que se encontram, enredam-se umas nas outras, produzindo vivências potentes, dados sociais fugidios, um forte coletivo de afetos, ambiências e emoções. Resumindo, de um lado, tem-se o social e, de outro, a socialidade: enquanto o social ou a sociabilidade advêm de uma estrutura racional, mecânica, reducionista (características da modernidade), com estratégias e finalidades próprias, em que indivíduos possuem uma função e contratos relacionais, numa organização com foco no utilitarismo; a socialidade se manifesta de modo efêmero – marcante, porém, com contornos indefinidos –, a partir do encontro de singularidades, no qual as pessoas, ligadas pelos afetos e pelo desejo de estarem juntas, desempenham um papel, produzindo, com suas multiplicidades e experiências, a diferença no coletivo.

Ao pensar em nossas relações com os não humanos e o quanto precisamos problematizar nossas ações para que existam condições de habitabilidade a todos os seres vivos, apesar das ruínas do Antropoceno, Anna Tsing (2019) também nos convida a observar e aprender com as socialidades existentes em toda a natureza, além da humana. Mesmo sendo limitados e não poder nos transformar em plantas para entender o que se passa realmente e o que elas falam, é possível *uma abertura em mundos multiespécies (IDEM, p. 129).*

> Nossas explorações nos levam a novos e variados arranjos sociais e humanos, entre outros. Estamos continuamente desenvolvendo novas maneiras de aprender sobre os outros, ampliando nossas maneiras de viver e conhecer. Somos tão participantes quanto observadores; recriamos sensibilidades interespecíficas no que fazemos. Para além de apenas identificar os não humanos como um outro estático, aprendemos sobre eles e sobre nós mesmos *em ação*, por meio de atividades comuns (IBIDEM, p, 129, grifo da autora).

Pensando com a autora, ao *pracear* podemos observar e aprender que o ser humano é apenas um dentre os vários agentes que transitam pela praça. E se formos capazes de nos envolver com as necessidades e socialidades, não só



humanas, mas também, mais que humanas, talvez possamos compor múltiplas histórias em conjunto.



Figura 2: Praceando e cartografando na Praça Manoeli Tornelas – Pelotas/RS. Fonte: Autoras.

Essas histórias também são marcadas pela cultura de cada cidade e, principalmente, aqui no sul, temos o chimarrão como um elemento forte da socialidade nas praças, conforme a citação da Dama da Noite, da Formiga e do Pardal:

> *Na praça (Coronel Pedro Osório) encontro um ambiente propício para tomar chimarrão, conversar e ficar no sol. Sinto aconchego e descanso. O ambiente rodeado de árvores, estrutura para se acomodar e a paisagem bonita feita pelos elementos históricos da cidade (Dama da Noite).*
>
> *Comungar um mate. Enquanto fenômeno social a praça é essencial em todas as sociedades. O gramado e as árvores grandes. Espaço de vida, continuidade e comunhão. Sinto estar em conjunto com o TODO (Formiga).*
>
> *Ouvir as aves, tomar sol e entrar em contato com a natureza. As praças são espaços de memória e socialidade. O mate é um elemento de socialidade, mas o sol é o maior deles, pois junta as pessoas (Pardal).*

Desse modo, a socialidade se move dentro de um vitalismo, de uma sensibilidade coletiva, de uma maneira cíclica, que é capaz de expor o aspecto



policromático do todo social, ultrapassando a lógica identitária e/ou binária. Maffesoli (1998), ainda vai alegar que esses convívios tribais não fazem parte de uma camada social ou de grupos de especialistas, profissionais, e sim são encontrados nas diversas formas de cultura e de territórios existenciais. São laços estreitos e afetivos que proporcionam espaços de escuta ao outro em uma aura estética e experiência ética. *A história pode dignificar uma moral (uma política); o espaço, por sua vez, vai favorecer uma estética e produzir uma ética (MAFFESOLI, 1998, p, 22).* Nesse contexto, trago o relato da Romã que nos ajuda a pensar sobre a potência da praça:

> *Desfrutar do ambiente alegre e positivo, tomar um chimarrão com meu namorado e curtir a cachorrada solta. Na minha visão praça é verde e verde é vida para os olhos e a alma. E é sempre uma experiência boa estar em uma. Certamente é um lugar de socialidade. Estando nela é a oportunidade de encontrar pessoas e trocar experiências de vida. O simples fato de estar ao ar livre, perto do verde e com o vento batendo no rosto, já me faz sentir parte de um todo e parte da própria natureza (Romã).*

Trocar experiências de vida... Se pensarmos em todos os não humanos (animais ou não) que fazem parte da esfera de socialidade da praça, podemos identificar, assim como os/as *praceantes* o fizeram*:* o calor do sol no inverno; o vento que refresca; a diversidade de árvores e flores que compõem as cores das praças; a grama que se espalha criando um tapete verde e macio no chão; as pombas-rola, quero-queros, bem-te-vis, canarinhos-da-terra, tico-ticos, sabiás, maçaricos-do-banhado, caturritas, joão de barro entre outros, os quais transitam pelas praças sem cerimônia a procura de alimentos; os insetos como abelhas, cigarras, borboletas, formigas por toda a parte; os cães que fazem da praça seu lar ou apenas vão passear com seus donos; as tartarugas que vivem inusitadamente no lago da praça (Coronel Pedro Osório); a chuva e as variações do clima que dão um tom e um ritmo à praça, totalmente diferentes entre uma época e outra do ano; e, não menos importante, o chimarrão o qual foi citado inúmeras vezes como um elemento que compõe a socialidade nas praças... tudo isso colabora para as vivências sociais nesses espaços. Por outro lado, tem os lixos espalhados (mesmo não sendo vida, os lixos produzidos tem a ver com as relações que constituímos com o mundo, afinal



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

eles são capazes de transformar qualquer paisagem, principalmente quando não são descartados corretamente) e as vidas precarizadas humanas que também fazem parte da socialidade da praça e das ruínas do Antropoceno que precisam ser consideradas e trabalhadas na direção de um bem viver mais que humano.

> Como pode ter ocorrido a alguém que outras coisas vivas além dos humanos não são sociais? Quanto mais pensamos sobre isso, mais ridícula se torna a oposição entre a socialidade humana e a não humana. O que é não socialidade? Se social significa "produzido em relações intrincadas com outros significantes", claramente outros seres vivos não humanos são totalmente sociais – com ou sem humanos. No entanto, uma oposição entre natureza e sociedade tem sido bastante convencional nas humanidades e nas ciências modernas. [...] O conceito de socialidade não faz distinção entre humano e não humano: "a socialidade mais que humana" inclui ambos (TSING, 2019, p. 119, grifos da autora).

Essa vivência tribal e multiespécies destacados pelos autores, a partir de uma perspectiva sensível e orgânica, talvez possa favorecer experiências éticas para pensar educações ambientais *outras*, contrapondo-se à racionalização da existência, como tanto deseja o capitalismo, dando espaço ao dionisíaco, às fissuras tão urgentes em nossos pensamentos. Às vezes, pode manifestar-se de maneira macro (revoltas pontuais, ou revoluções políticas e econômicas); ou numa dimensão micro, nas multiplicidades mais profundas do imaginário coletivo.

> É para dar conta desse conjunto complexo que proponho usar, como metáfora, os termos "tribo" ou "tribalismo". [...] pretendo insistir no aspecto "coesivo" da partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos (localismo) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais. É esse vaivém constante entre o estático (espacial) e o dinâmico (devir), o anedótico e o ontológico, o ordinário e o antropológico, que faz da análise da sensibilidade coletiva um instrumento de primeira ordem (MAFFESOLI, 1998, p. 28, grifos do autor).

Redes de amizade são formadas, convergindo para a participação e para a ajuda mútua, por relações de boa vizinhança e de alteridade. Acreditamos que essas relações tribais de socialidade são possíveis no encontro com a praça e com os que a habitam, cuidam dela ou passam por ela. Sobre isso, a Magnólia e a Musa Paradisíaca vão relatar:



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Lazer em um dia ensolarado, tomar chimarrão e conversar ao ar livre. Tenho boas recordações dessa praça (Praça da Amizade), pois foi um local marcante em nossa história como casal. Podemos ver outras pessoas e encontrar amigos para conversar. Socialidade com o sol, as árvores e suas sombras, o gramado, os animais (pássaros, insetos, cães) são elementos importantes (Magnólia).

Tenho lembranças preciosas da infância em outras praças. Uma, em particular, com uma igreja, no interior de Goiás, onde nasci. Eu, aos domingos, ia brincar nessa praça, antes da missa. Praticava a socialidade com as árvores, grama, o espaço aberto, livre (Musa Paradisíaca).

Todos esses atributos de convivialidade podem se encontrar com as possibilidades potentes de criação, as quais surgem da oposição entre o *poder extrínseco* e a *potência intrínseca* – que precisamos pensar com rigor (MAFFESOLI, 1998). De um lado, temos a homogeneidade do social, que nos torna padrões, dóceis, desenvolvendo costumes e hábitos de uma vida mesma, calcada na representação; de outro, temos uma heterogeneidade da socialidade, que é viva, múltipla, dinâmica, geradora de sentimentos de pertencimento, que dão cor e sentido à nossa existência.

> Com segurança e obstinação, de maneira talvez um tanto animal, quer dizer, exprimindo mais um instinto vital do que uma faculdade crítica – os grupos, as pequenas comunidades, as redes de afinidade ou de vizinhança se preocupam com as relações sociais próximas, assim como, também, com o meio ambiente natural (IDEM, p. 65).

De acordo com o autor, vivemos naquilo que se pode chamar de a culturalização da natureza e a naturalização da cultura, *[...] uma espécie de vitalismo ontológico que se manifesta no ecologismo que impregna a ambiência do momento (IBIDEM, p. 94).* Desse modo, as massas, o povo, agrupando-se em tribos, possuem o poder de reverter estratégias políticas e econômicas, revestindo-se de táticas militantes, em que é possível uma reapropriação da existência pelas vias da resistência à domesticação.





Figura 3: Relações de cuidado na Praça Manoeli Tornelas – Pelotas/RS. Fonte: Autoras.

Precisamos acreditar em um mundo de outros possíveis. Tentar cultivar um olhar e uma escuta sensíveis que nos direcione a um *ethos* comunitário e, dessa forma, tecer laços de solidariedade onde todos importam. Talvez, dessa maneira, possamos nos aventurar em outros modos de (*com*)viver, compondo socialidades e educações ambientais outras.



Figura 4: Socialidades na Praça Coronel Pedro Osório – Pelotas/RS. Fonte: Autoras.

Pensar a socialidade com Maffesoli (1998) e com Tsing (2019) talvez possamos potencializar nossas relações afetivas, quer sejam humanas ou não humanas. Quem sabe, possibilitar olhares mais sensíveis para os sentimentos que



movem as tribos “subterrâneas” existentes em toda a sociedade. É um convite para investir nos afetos, mirar no múltiplo, no rizomático, os quais promovem sentidos ecológicos às nossas ações e pensamentos coletivos, fazendo emergir educações ambientais outras.

> Tais colaborações podem tornar possível entender a socialidade humana não como uma conquista sobre outras espécies, nem como um paralelo a outras formas de ser – mas como um ingrediente em mundos sociais nos quais humanos e não humanos vivem juntos. A socialidade mais que humana é o nosso mundo e também o deles. (TSING, 2019, p. 138).

Talvez, nesses espaços de socialidade, sobretudo as praças, possamos compor novos territórios existenciais que teimem em resistir às verdades instituídas nos modos de ser e viver no presente.

> É preciso coragem para mudar as relações estratégicas constituídas pelas políticas de verdade que nos atravessam e agenciam as possibilidades do nosso próprio ser, uma vez que, com tais mudanças nos nossos saberes, não se trataria simplesmente de recusar uma ou outra demanda singular que nos desagrada, mas, muito mais profundamente, trata-se de recusar todo um campo de verdades pelo qual identidades nos são ofertadas, sentidos são conferidos às nossas práticas e nossos direitos são constituídos. (RIBAS, 2017, p. 191).

Sendo assim, é a partir desse vitalismo existente nas tribos (pequenos grupos), dessas vivências empáticas, perpassadas por afetos e por outros sentimentos comuns, conectadas ao inusitado, ao fugidio, àquilo que escapa à norma, é que finalizaremos essa seção. Ademais, trazemos ainda alguns registros fotográficos juntamente com outros relatos sobre a socialidade dos/das *praceantes*, os quais apontam a importância das praças em sua cotidianidade:

> *Espaços abertos públicos arborizados de maneira geral me dão o sentido de repouso, tão necessário num cotidiano urbano cada vez mais acelerado. Entendo a praça como espaço de encontro e a própria socialidade com a natureza se manifestando nestes encontros (Bem-te-vi).*
>
> *A praça traz paz, conexão com a natureza, tranquilidade. Sentido de desligar da cidade. A arborização acolhe e contribui para a socialização (Oliveira).*





Figura 5: Socialidade na Praça Coronel Pedro Osório com o chimarrão – Pelotas/RS. Fonte: Autoras.



Figura 6: Socialidades na Praça da Amizade com humanos e não humanos – Pelotas/RS. Fonte: Autoras.

Tem uma praça na frente da minha casa que tem uma grande relevância na minha vida. Entendo, pra mim, que a socialidade envolve pessoas, lugares e sensações. Essa praça (Manoeli Tornelas), ainda que, não tenha mobiliário urbano, tem pessoas, o lugar chama a atenção pela limpeza, tem sons, cheiros, vento que me invadem e fazem parte de mim (Mangueira).



Figura 7: Praceando pela Praça Manoeli Tornelas – Pelotas/RS. Fonte: Autoras.



Considerações finais

Pensar as praças como lugares multifuncionais: possuem variadas formas e nos constituem a partir das nossas experiências; lugares os quais nos sentimos acolhidos, aconchegados e seguros, ou não conseguimos ficar por muito tempo, sentimos medo e repulsa... Lugares que ficam na memória, apesar das transformações do tempo... Lugares que escolhemos estar ou que são apenas de passagem... Lugar como experiência vivida, da infância, do cotidiano, das socialidades. Os lugares nos ajudam a conhecer-nos, a expandir nossa relação com a natureza e com o outro e a dar sentido àquilo que somos.

Pensar nas praças como lugares potentes de socialidade para dar sentido ao que somos neste mundo e ao que podemos criar como outros modos de existência e de convivência junto ao meio ambiente humano e não humano, foi o objetivo dessa escrita. Por esse viés, talvez possamos identificar as praças como possíveis espaços de respiro, onde territórios existenciais singulares e nômades possam se encontrar com possibilidades de afirmar e expandir a vida, fazendo-nos pensar em múltiplas ecologias que, talvez, possam existir entre as atividades humanas e mais que humanas. Atividades e agenciamentos que acontecem transformando as praças em possíveis referências para uma vida mais saudável e que promova a integração dos/das *praceantes* com a cidade, conforme as narrativas a seguir.

> *O sol, o ar livre, o verde, a energia. As praças são lugares, ambientes que todos precisam para uma vida saudável, para uma evolução como seres humanos. Aqui, além das coisas naturais (sol, ar, verde) temos trocas de sentimentos e afetos. O ambiente todo! A natureza é tudo! (Rosa).*

> *Sair e mudar a visão do concreto/prédios, além de pegar sol. Sentido de socialização e estar integrada com a cidade. A praça permite estar com outros grupos sociais que a vida cotidiana não propicia. A arborização e o sol são os principais elementos da natureza presentes na praça que promovem o bem estar e as relações sociais (Beija-flor).*

As experiências vividas nas praças pelos/as *praceantes* fazem parte de uma construção histórica e cultural, como, também, os modos como vamos sendo



ensinados a enxergar a natureza (GUIMARÃES, 2008). São experiências que nos constituem e estão ligadas a uma produção de si e relacionadas aos outros. As narrativas produzidas nas praças indicam modos e estilos de vida que marcam o cotidiano dos/das *praceantes*. São discursos que reverberam uma maneira romântica de enxergar a praça e a natureza presente nela, onde é possível encontrar paz, tranquilidade, sol, refresco para a alma, descanso nos dias turbulentos etc. Percebe-se que nos relatos há uma relação de afetos, uma sensibilidade narrada que exprime um sentimento de pertencimento e um enaltecimento pela natureza e elementos da praça. Por outro lado, podemos perceber, ainda, olhares e relações superficiais que se interessaram pouco pelo cuidado com os seres que habitam e compõem esses lugares. Como exemplo, em nenhum dos relatos apreendidos foi falado na responsabilidade que devemos ter em relação ao meio ambiente compartilhado por todos, tampouco foi citado qualquer crise ambiental que estaria acontecendo atualmente.

Num espaço *entre* é que se busca provocar fissuras e pensamentos outros nessa relação. Por isso que a educação ambiental pode ser muitas e tantas outras coisas.

> E se pudéssemos torcer o pensamento e criar outros modos de educar para viver no meio ambiente? Para além de *ensinar* sobre sérios problemas que vivemos no cotidiano – e vale pensar o modo como estamos ensinando sobre isso! –, a EA pode falar de outras coisas: da relação que estabelecemos com o mundo; do cotidiano com vizinhos, pessoas, lugares, animais, espaços; dos modos como nos sentimos humanos e nos relacionamos com os elementos naturais etc. (HENNING, 2021, p. 309, 310, grifo da autora).

Com esse propósito queremos olhar para a Educação Ambiental, não como um campo discursivo que apenas produz verdades que conduzem nossas condutas socioambientais, mas, a partir de uma perspectiva da multiplicidade e de um devir minoritário (DELEUZE; GUATTARI, 1977) que atravessam os modos de viver nas praças. Talvez, cultivar pensamentos e saberes rizomáticos que possam contribuir à produção da diferença e à expansão da vida, espreitando, assim, educações ambientais *outras*. O nosso objetivo enquanto *pesquisadoras-cartógrafas-*



praceadoras foi problematizar as relações com a natureza humana e mais que humanas dos/das *praceantes,* tensionando os modos de vida e possíveis aprendizados no viver *com,* apesar das contradições existentes nas praças. Então perguntamos: além de enxergar a praça romantizada e naturalizada, que educações ambientais *outras* são possíveis de encontrar nesses espaços? Que outras ecologias podem atravessar o *pracear*?

Pelas vias da socialidade e da invenção de outras ecologias, vamos criando uma amálgama entre educação ambiental e filosofia, abrindo espaços na imaginação e permitindo-nos viver nas intensidades e nos modos coletivos de ser no encontro *com*. Encerramos esta escrita com um sentimento que pulsa dentro do peito: cada vez mais o mundo, que está adoecido, precisa ser preenchido por socialidades sensíveis. Ao passar por uma praça ou passear por ela, o desejo é de que, por alguns minutos, seja possível uma conexão a outras sensações que não sejam nossas correrias e preocupações do dia a dia. Nem que seja para, simplesmente, olhar o que acontece ao redor, enxergar o outro. Que seja possível sentir aquele momento, estar presente naquele lugar, experimentando o sabor de estar vivo e essas sensações que nos atravessam. *Pracear*!

Referências:

BARROS, Manoel de. *Menino do mato.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues et al. *Praças: História, Usos e Funções*. Editora da Universidade de Maringá - Fundamentum (15), 2005.

DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972 - 1990.* Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição.* 2. ed. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka.* Por uma literatura menor. Trad. Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1**.** Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

GODOY, Ana*. A menor das ecologias***.** São Paulo: Edusp, 2008.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. *Inter-Ação:* Rev. Fac. Educ. UFG, 33 (1): 87-101, jan./jun. 2008.

HENNING, Paula Correa. Educação Ambiental: o silêncio como potência criadora. In: *Educação e filosofia:* fissuras no pensamento com Nietzsche, Foucault, Deleuze e outros malditos [Recurso Eletrônico] / Organizadoras Autora, Gisele Ruiz Silva. – Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LARROSA, Jorge. *Tremores:* escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed.; 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MAFESSOLI, Michel. *O tempo das Tribos:* o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Apresentação de Luiz Felipe Baêta Neves; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

NIETZSCHE, Friedich Wilhelm, 1844-1900. *Crepúsculo dos ídolos*: ou Como filosofar com o martelo. Tradução, introdução e notas Saulo Krieger. São Paulo: Edipro, 2020.

RIBAS, Thiago Fortes. Práticas de liberdades em Foucault. *Dois pontos:* Curitiba, São Carlos, volume 14, n.1, 2017. P. 181-197.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *Fractal* – Revista de Psicologia, v. 25 – n. 2. Universidade Federal Fluminense – UFF. p. 299-322, Maio/Ago. 2013.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas:* paisagens multiespécies no antropoceno. Edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.



Cíntia Gruppelli da Silva
Possui curso técnico profissionalizante em Desenho Industrial (1995), pela antiga ETFPel (agora IFSul - Pelotas/RS). Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pelotas (1999). Especialização em Gráfica Digital pela Universidade Federal de Pelotas (2008). Mestrado em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia - IFSul Pelotas-RS (2016). Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG (2024). Possui Curso de Formação Pedagógica de Docentes para as disciplinas do Currículo da Educação Profissional de Nível Técnico. Trabalhou em Agências de Publicidade e Propaganda e na Josapar S/A, como supervisora de marketing e endomarketing. Ministrou aulas como professora contratada para o curso de Design para a Web no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC Pelotas RS. Ministrou aulas como professora substituta do Curso de Design do Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSul Pelotas RS, Cursos de Comunicação Visual e Design de Móveis. Atuou como professora formadora do PROFUNCIONÁRIO, do Curso de Multimeios Didáticos, na modalidade a distância, da Rede e-TEC do Brasil. Trabalhou como Professora Pesquisadora, equipe multidisciplinar, na Universidade Aberta do Brasil - UAB. Atuou como professora substituta do Curso de Graduação em Design e no Curso Técnico em Comunicação Visual (IFSul - Pelotas/RS). Trabalhou como bolsista em diagramação no Departamento de Ensino a Distância (DEAD - CAVG - IFSul Campus Pelotas). Trabalhou na Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande - FURG como Técnica em Artes Gráficas. Atualmente trabalha na Universidade Federal de Pelotas - UFPEL como Técnica em Artes Gráficas e é membro do GEGRADI (Grupo de Estudos para o Ensino/aprendizagem de Representação Gráfica e Digital - UFPEL). Participa do GEECAF - Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia. Atua como editora assistente na REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4971-6822
E-mail: cintiagruppelli@gmail.com

Paula Corrêa Henning
Doutora em Educação, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Líder do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/FURG. Bolsista Produtividade do CNPq 2. Rio Grande, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3697-9030
E-mail: paula.c.henning@gmail.com

REVISTA DA FUNDARTE
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rata, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 24 de janeiro de 2024
Aceito em 29 de abril de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
Editores Convidados: Carmen Lúcia Capra (PPGED da UERGS) e
Leonardo Marques Kussler (PPGED da UERGS)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/